

**CULTURA DIGITAL EM PÁGINA IMPRES-
SA: ACELERAÇÃO, FRAGMENTAÇÃO E
MUDANÇAS NA FOLHA CORRIDA**

DANIELA BORGES DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL
DANI7B.O@GMAIL.COM

BELARMINO CESAR GUIMARÃES DA COSTA
UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
PIRACICABA, SÃO PAULO, BRASIL
BELARMINO.COSTA@UNIMEP.BR

CULTURA DIGITAL EM PÁGINA IMPRESSA: ACELERAÇÃO, FRAGMENTAÇÃO E MUDANÇAS NA FOLHA CORRIDA

Resumo: O jornalismo na era digital sofre adaptações estéticas e de conteúdo não só na Internet, mas nos meios tradicionais. O artigo observa estratégias da *Folha Corrida*, do impresso *Folha de S.Paulo*, para mostrar efeitos da aceleração e fragmentação dos conteúdos. Ao final, destaca que a proposta editorial reforça esses conceitos, porém há contradição na afirmação de que traz resumos de notícias do interior do jornal.

Palavras-chave: Cultura Digital; Aceleração; Fragmentação; Folha de S.Paulo.

CULTURA DIGITAL EN PÁGINA IMPRESA: ACELERACIÓN, FRAGMENTACIÓN Y CAMBIOS EN FOLHA CORRIDA

Resumen: El periodismo en la era digital pasa por adaptaciones estéticas y de contenido no solo en Internet, sino en los medios tradicionales. El artículo analiza estrategias de *Folha Corrida*, del periódico *Folha de S.Paulo*, para mostrar los efectos de la aceleración y fragmentación de contenidos. Al final, destaca que la propuesta editorial refuerza estos conceptos, pero hay una contradicción en la afirmación de traer resúmenes de noticias desde dentro del diario.

Palabras clave: Cultura digital; Aceleración; Fragmentación; Folha de S.Paulo.

DIGITAL CULTURE IN PRINTED PAGE: ACCELERATION, FRAGMENTATION AND CHANGES IN FOLHA CORRIDA

Abstract: Journalism in digital age endure adaptation in aesthetics and content also in traditional media. This study observes *Folha Corrida's* experience in *Folha de S.Paulo* newspaper, to demonstrate the effects of acceleration in and fragmentation of content. As results, we highlight that the editorial proposal reinforces these concepts, but there is contradiction in the affirmation that it brings news summaries from all the newspaper.

Keywords: Digital Culture; Acceleration; Fragmentation; Folha de S.Paulo.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa atualiza resultados obtidos no projeto de iniciação científica “Folha Corrida: Narrativa Jornalística e Cultura Digital”, desenvolvido de agosto de 2018 a julho de 2019 no curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), e busca compreender estratégias do jornalismo praticado na composição da Folha Corrida, seção

localizada na contracapa do caderno Cotidiano do jornal impresso Folha de S.Paulo, na condição de ser influenciada pelas características da sociedade digital. Estruturada em apenas uma página, segundo a Folha a seção “Corrida” propõe apresentar notícias variadas e conteúdos resumidos das editorias que perpassam o jornal para leitura rápida, com diferentes soluções gráficas e imagéticas.

Ao comemorar em 2021 seu centenário de fundação¹, a Folha se destaca pela grande circulação nacional do diário Folha de S.Paulo em somatória com as assinaturas digitais, tendo mantido a primeira posição entre os anos 2019 e 2020² comparada aos demais veículos de comunicação no Brasil. Em medição do IVC Brasil (Instituto Verificador de Comunicação), durante a realização desta pesquisa, o jornal liderou o ranking de compra dos diários nacionais com mais de 320 mil exemplares vendidos em 2019 e esteve à frente na circulação digital, com ênfase na ampliação de seguidores nas redes sociais, em especial no Instagram no qual acumulou, até então, dois milhões de seguidores em decorrência da cobertura sobre a pandemia de COVID-19³.

Historicamente, a Folha tem sido influente no contexto histórico e político do Brasil, a exemplo de ações em defesa da redemocratização com o movimento “Diretas Já”, sendo assim um objeto de pesquisa adequado para observar o momento de transição de suportes analógicos e eletrônicos para o espectro da digitalização, quando o jornalismo se reinventa como modelo de negócios e mediador de informações. Por isso, é essencial observar como seu formato tradicional se ajusta às características da cultura digital e ao público acostumado à leitura e interação na Internet.

Sendo ainda o maior responsável pelo acúmulo de receita com publicidade, o jornal impresso Folha de S.Paulo é distribuído nacionalmente e dividido em oito cadernos diários: Poder, Ciência, Mundo, Cotidiano, Esporte, Mercado, Ilustrada e Corrida. A Folha Corrida, porém, se diferencia por ser composta somente por uma página, reunir diferentes editorias e pela proposta de resumir as principais notícias do dia “para facilitar a correria da sua

1 Em 21 de fevereiro de 1921.

2 Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/grandes-jornais-mantem-circulacao-nos-2-primeiros-anos-de-bolsonaro/>>. Acesso em 04/09/2021.

3 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2020/04/folha-se-torna-o-primeiro-jornal-brasileiro-a-atingir-2-milhoes-de-seguidores-no-instagram.shtml>>. Acesso em 14/04/2020.

rotina”⁴.

A presente investigação avalia dois aspectos observados na composição da Folha Corrida, sendo o primeiro relacionado ao título “Corrida”, que remete ao conceito de aceleração, e o segundo sobre o conceito de fragmentação na composição temática e visual da seção. A partir dessas categorias, pretende-se demonstrar características da sociedade digital que permeiam a produção jornalística da Folha. Para isso, o artigo apresenta análise sobre o uso de imagens, diagramação e conteúdos de edições de 2020 da Folha, em comparação com resultados obtidos anteriormente, no período da pesquisa de iniciação científica cujas publicações avaliadas foram de agosto a novembro de 2018.

O método de captação do material é randômico, de forma que são reunidas 14 edições da versão nacional da Folha de S.Paulo, durante quatro meses, alternando os dias para obter, ao final, duas edições para cada dia da semana (mesmo método da iniciação científica). Dessa forma, o estudo verifica tendências, aspectos constantes da seção e efeitos de acontecimentos recentes nos critérios de escolha de pautas e estruturação gráfico-visual da página.

A seleção do material permite a percepção de alterações na seção, em suas estratégias de composição, uso de conteúdos concisos, supervalorização da imagem e destaque aos aspectos curiosos e inusitados dos fatos sociais. As respectivas datas de captação, no ano de 2020, foram: 01 de janeiro (quarta-feira), 09 de janeiro (quinta-feira), 17 de janeiro (sexta-feira), 25 de janeiro (sábado), 02 de fevereiro (domingo), 10 de fevereiro (segunda-feira), 18 de fevereiro (terça-feira), 26 de fevereiro (quarta-feira), 05 de março (quinta-feira), 13 de março (sexta-feira), 21 de março (sábado), 29 de março (domingo), 06 de abril (segunda-feira) e 14 de abril (terça-feira).

Para abordagem das categorias teóricas selecionadas frente ao material observado, optou-se por fundamentar a pesquisa de forma híbrida, com autores de diferentes correntes teóricas e áreas do conhecimento, sendo da Comunicação e da Sociologia. Para explanação do conceito de fragmentação, autores relacionados à teoria crítica Marcondes Filho (1986), Benjamin (1989), Costa (2001; 2021) e Türcke (2010) são tensionados com abordagens sobre a sociedade em rede, segundo Castells (2019), também denominada

4 Disponível em: <<http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/>>. Acesso em 14/04/2020.

como cibercultura, de acordo com Lévy (2010). Ambos tratam da noção de temporalidade na sociedade, temática profundamente abordada na ideia de “aceleração” do sociólogo francês Rosa (2019).

São observadas explicações sobre a fragmentação na leitura e as características da Internet, a partir de Santaella (2018; 2016; 2004a; 2004b) e Ferrari (2018; 2004), além de abordagens sobre os aspectos da velocidade no tratamento da informação com referências em Ferrari (2018), Prior e Turuel (2021), Prazeres (2018) e Virilio (1996). Tais conceitos colocam em xeque a capacidade de contextualização e abordagem aprofundada dos conteúdos jornalísticos, e ajudam a explicar como o formato da Folha Corrida, com textos concisos e desconectados dos fatos recentes, construídos de forma visual, aproximam o produto a uma síntese de variedades e curiosidades.

Pretende-se, com a análise das edições recolhidas a partir dos conceitos de aceleração e fragmentação, reafirmar a forte influência de aspectos da cultura digital na estruturação da seção Corrida considerando que esta é a “segunda porta de entrada” no veículo tradicional Folha de S. Paulo, o que a coloca como estratégica para a atração do leitor. A partir dos conceitos selecionados, também verificamos nos recursos gráfico-visuais configurações que caracterizam uma estética pós-moderna do jornalismo e soluções para se adequar a um público cada vez mais adaptado à leitura e aos estímulos do ambiente digital.

2 DESENVOLVIMENTO

A fim de explorar as edições da Folha Corrida, recolhidas de janeiro a abril de 2020 no Acervo Folha, primeiramente o artigo traz detalhamento editorial sobre a proposta e composição dessa seção. A abordagem de exemplos semelhantes ajuda a ilustrar a tendência do jornalismo, tradicional ou em plataformas digitais, às produções que explorem o caráter imediato das informações para adequação à rotina dos leitores, em uma sociedade permeada pelas tecnologias da informação que se fazem presentes na vivência no trabalho e em momentos de lazer. As edições de um mesmo dia da semana foram pareadas para percepção das características diárias constantes e conteúdos diferenciados, influenciados por acontecimentos de grande impacto.

A pesquisa conta com etapas de levantamento quantitativo e avaliação qualitativa dos resultados obtidos. Com a intenção de demonstrar os significados carregados pela “forma” da seção Corrida frente à estética das

mídias digitais, a captura de dados não se debruça apenas sobre o significado das mensagens que veicula, mas sobretudo a respeito do significado simbólico e estético. Assim, a primeira etapa de levantamento de dados parte da medição da área editorial total da página para definir a porcentagem do espaço ocupado pelo(s): a) uso de textos – número de colunas, tamanho dos textos (curtos ou longos) e realização da média de conteúdos informativos que compõem a página; e b) recursos imagéticos – fotografias de destaque e ilustrações em geral. Além da quantificação dos aspectos referidos, também verificamos a adequação da proposta editorial da Folha Corrida à efetiva formatação da seção nas edições selecionadas, ao comparar os conteúdos da página com o resto do jornal para certificar se são resumos das notícias que perpassam os cadernos da Folha de S. Paulo, conforme a Folha propõe.

A análise qualitativa decorre primeiramente da observação da composição da página e avaliação dos dados obtidos, como será aprofundado adiante, que mostram como a seção é marcada pelo uso de textos curtos, com temáticas desconectadas em uma mesma página e que não possuem relação com o interior do jornal. Foram elencados dois conceitos que sintetizam as características fundamentais da composição da Folha Corrida a partir das observações: 1) conteúdos simplificados e curtos, somados à hipervalorização de imagens, que reforçam a ideia de uma leitura veloz que condiz com o título da seção e seu propósito, sendo assim o primeiro conceito definido como “aceleração”; e 2) a estrutura rizomática⁵ da página, na qual não há relação entre seus conteúdos e com matérias do interior do jornal, demonstrando desconexão temática. Portanto, potencializa para a abordagem teórica o conceito de “fragmentação”, uma categoria de análise associada tanto à estrutura de leitura de textos quanto à navegação na internet.

A escolha metodológica para tal divisão conceitual auxilia o aprofundamento teórico para relacionar os dados obtidos com a realidade vivida, marcada pela digitalização e aceleração dos processos. Dessa forma, são abordados os conceitos de “aceleração” e “fragmentação” que, apesar de alocados separadamente neste trabalho, interligam-se no sentido de que cada vez mais realizamos tarefas curtas e variadas em menor tempo, e isso

5 O rizoma, no contexto biológico, ilustra as ramificações de raízes e caules na planta, e é apropriado por Gilles Deleuze e Félix Guatari na obra “Mil platôs”, de 1995, para demonstrar uma estrutura em multiplicidades, diferente de um modelo hierárquico que a imagem de uma árvore, ao envolver encontros e bifurcações imprevisíveis.

se reflete no jornalismo. No contexto da onipresença das mídias digitais no cotidiano, marcadas pela facilidade de compartilhamento de conteúdos concisos e diversos, as categorias chave de “aceleração” e “fragmentação” demonstram, ainda, semelhanças observadas entre o jornal e o meio digital. Principalmente quando aborda uma ampla variedade de temas para leitura dinâmica e que se adeque ao tempo hábil de leitura do público.

Vale destacar que a análise do material ocorreu durante a publicação das edições da Folha Corrida, no período definido "a priori". Esta escolha se dá por duas razões: não estabelecer uma análise preliminar e permitir, no processo de desenvolvimento da pesquisa, abordagens comparadas sobre mídia, critérios de noticiabilidade e dimensões estéticas relacionadas com o material imagético – fotografias, infográficos e diagramação, particularmente.

Ao final são trazidos resultados em comparação com o que foi observado na pesquisa de iniciação científica produzida entre agosto de 2018 e julho de 2019 e as análises realizadas para o presente artigo, baseado em edições da Folha de 2020. A partir desses resultados é possível esclarecer percepções na etapa final de considerações.

2.1 A Folha Corrida

Para atingir diferentes segmentos de público, a Indústria Cultural se utiliza da estratégia de hierarquização de qualidade dos produtos, através da diversificação de formatos que, no jornalismo, caracteriza-se pela ampliação de temáticas e de propostas gráficas diferenciadas (COSTA, 2001). É perceptível essa diferenciação quando observamos, por exemplo, a separação de conteúdos em editorias temáticas nos jornais impressos e portais de notícias. A Folha Corrida é uma dessas propostas do jornalismo em que percebemos a diversificação de formas para apresentar e produzir conteúdos, sendo que a seção foi criada para ter um destaque diferenciado dentro da estrutura da Folha de S.Paulo.

Segundo a Folha, a seção Corrida é identificada pela máxima “seu dia em 5 minutos”, de maneira que traria “diariamente resumos de notícias, extratos de colunistas, dicas práticas e curiosidades que perpassam todos os cadernos da Folha, de política a cultura, de economia a esporte” (CORRIDA, s/a, s/p). Sua estrutura é composta de diagramação com seis colunas, uso de textos concisos, expressivo uso de imagens e destaque a personalidades por meio de declarações de pessoas públicas. Considerando as edições de

2018 previamente observadas, a seção apresentava caráter experimental ao abarcar séries temáticas e repetição de autores para determinados dias da semana, com alterações estéticas em decorrência de alguns acontecimentos de destaque no noticiário.

É tendência no jornalismo, como solução para adequar-se à rotina do leitor, propor formatos com textos curtos e diretos. Esta proposta se observou na experiência da Revista da Semana, lançada em 2007 pela Editora Abril, que veiculava notícias da atualidade de forma concisa, minimalista, para uma leitura rápida. Isso expressa uma forma de atender públicos adaptados à dinâmica de aceleração dos processos de circulação de informação, bem como minimiza a sensação de perda de tempo e cobrança por produtividade. Atualmente, newsletters de diferentes veículos e serviços digitais oferecem essa síntese de informações na caixa de entrada do público, de forma a suprimir o tempo gasto na procura de conteúdos noticiosos.

Considerada a “segunda porta de entrada” (CORRIDA, s/a, s/p) do jornal, a Folha Corrida funcionaria como uma segunda capa. A primeira página é considerada a vitrine dos diários impressos, responsável por destacar conteúdos mais relevantes e chamar a atenção do leitor para a compra. O fato se reflete também na tabela de preços da Folha para a publicidade impressa: propagandas na capa chegam a custar seis vezes mais que nos demais cadernos (GRUPO FOLHA, 2020).

Recentemente, a Folha revelou alterações na seção Corrida, em que informa a preferência pela circulação de conteúdos sobre entretenimento e agenda cultural na subdivisão “O Melhor do Seu Dia”, principalmente com eventos na cidade de São Paulo, e curadoria de eventos esportivos pela editoria Guia. Às segundas-feiras ficou delegado os destaques: “Para quem gosta de se planejar com antecedência, a Folha Corrida continua a pulicar uma agenda com destaques da semana às segundas-feiras” (FOLHA, 2019, s/p). Outra novidade é o “Acervo Folha”, espaço dedicado à publicação de uma retrospectiva de capas da Folha de S.Paulo de 50 anos atrás⁶.

Como observado, a seção possui colunistas específicos para cada dia da semana. Até março de 2020, se mantinham: coluna “Mensageiro Sideral”, de Salvador Nogueira, de segunda-feira; coluna da antropóloga Mirian Goldenberg de terça-feira; coluna sobre princípios da matemática e computação

6 “Folha Corrida vai publicar seção diária com dicas do que fazer em SP”. Notícia disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/folha-corrída-vai-publicar-secao-diaria-com-dicas-do-que-fazer-em-sp.shtml>>. Acesso em 30/04/2020.

de Marcelo Vianna às quartas-feiras; destaque às estreias do cinema de quinta-feira; agenda cultural de sexta-feira; novamente sobre filmes e séries no sábado; e declarações de pessoas públicas no domingo. Outra postura que se mantém constante é a presença marcante de imagens provenientes de agências como a Reuters e a AFP (Agence France-Presse), além da publicação de notícias resumidas de veículos internacionais, como The New York Times.

Algumas alterações notadas entre as edições de 2018 e de 2020 são a adição da coluna sobre saúde de Julio Abramczyk às sextas-feiras (antes verificada às quintas-feiras); e a fixação dos espaços “frases da semana” e “imagens da semana” aos domingos: o primeiro formaliza a divulgação de declarações de pessoas públicas por áreas, como em educação e cultura, e o segundo destaca fotografias. Além de mudanças mais recentes com a veiculação do “Guia o melhor do dia em SP” e “Agenda da Semana” de segunda-feira.

A transformação mais expressiva na seção, porém, ocorre a partir da declaração oficial da pandemia de Covid-19 em que é preciso se adaptar à realidade de produção em home office: surgem o “Colunista em casa”, com sugestões de livros, séries e filmes de colunistas variados, e conteúdos voltados às temáticas recorrentes durante o distanciamento social vivenciado no Brasil, como a coluna de saúde mental com Silvia Haidar (29/03/2020, domingo), conteúdos sobre alimentação como “A chata das dietas” (06/04/2020, segunda-feira) e “Dicas de quarentena” com Tati Bernardi (14/04/2020, terça-feira). As pautas se transformam, abrindo margem para abordar mudanças no cotidiano da redação.

2.2 Aceleração

O aumento da velocidade nos processos de produção e como sensação vivida pelos indivíduos é efeito próprio da cultura digital na Modernidade Tardia (Rosa, 2019). A evolução dos suportes técnicos, em ramos como transportes e comunicação, afeta a noção de tempo e espaço em sociedade, e mesmo a própria globalização já havia dissolvido a ideia de barreiras físicas pela velocidade ao se transpor espaços, hoje majoritariamente virtualizados nos ambientes digitais. A relação entre deslocamentos acelerados, profusão de informações e mecanismos de esquecimento, como características estruturantes da cultura digital, é comentada por Costa (2021, p. 278):

Com o processo de digitalização e de transmigração dos suportes tradicionais para o gerenciamento sistêmico da comunicação mediada pelo computador, a banalização e a estetização da realidade tornaram-se mais agudas, com a intensificação dos choques comunicacionais e com os deslocamentos acelerados de conteúdos que são destacados para logo caírem no esquecimento.

Com o distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19, a cultura em rede - com suas dimensões de impessoalidade, circulação de notícias falsas e gerenciamento da esfera política - torna-se hipertrofiada e reconfigura as relações de trabalho, lazer e de produção, circulação e acesso de conteúdos simbólicos. Constantemente, estamos em contato com as mídias e seus algoritmos, em meio a fluxos intensos de informação, mobilidade, facilidade de compartilhamento de conteúdo, dentre outros fatores, que ditam o ritmo de nossa produtividade e performatividade (SANTAELLA, 2016).

O meio digital contribui para aumentar a velocidade dos processos comunicativos, das atividades realizadas no trabalho e no lazer, fazendo com que o cotidiano seja caracterizado pela simultaneidade, instantaneidade, efemeridade e ubiquidade de informações (FERRARI, 2018; GABRIEL, 2018). Com a agilidade dos processos na rede, o jornalismo é afetado na cobrança pela disseminação veloz de informações com confiabilidade. A agilidade dos processos também é discutida ao observarmos as transformações da atuação na área visto a influência das tecnologias digitais, por exemplo com a modalidade de jornalismo móvel – ou *mojo* – em que se institui um profissional que acumula as tarefas de apuração de informação, captação de imagens, publicação de notícias, entre outros, graças à facilidade dos dispositivos móveis para produzir e divulgar conteúdos (RODRIGUES, BALDI e GALA, 2021).

“Imediaticidade seria uma melhor palavra a ser empregada. Esta é uma qualidade que se faz sentir em todas as notícias, em que os usuários podem agora ultrapassar o jornalista e a estória, chegar à testemunha, à cena”, sintetiza Bradshaw (2014, p. 116) a respeito da facilidade dos indivíduos em acessar informações por diversas redes sociais, não só por meios jornalísticos, a partir de aplicativos como o WhatsApp e Telegram, e redes tal qual o Twitter e o Facebook. As mídias digitais presentes nas atividades cotidianas agilizam trocas de mensagens, compartilhamento e interações fáceis, como as reações com emojis no Facebook e Instagram. Porém, re-

forçam as “bolhas”, espaço virtual delimitado que desencoraja trocas externas (FERRARI, 2018; SANTAELLA, 2018; PARISER, 2012). Ao criticá-las, Santaella (2018, s/p) afirma que as bolhas criam “monoculturas viciadas nos mesmos feedback loops. Pior do que isso é quando as crenças conduzem os indivíduos à prática inadvertida ou deliberada de espalhar notícias falsas como retroalimentação de suas crenças mal-fundadas”.

Este espaço de retroalimentação se cria com o consumo de dados dos usuários por algoritmos (equações opacas ao público) de grandes empresas como o Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft. Os algoritmos reúnem grandes quantidades de dados e encontram padrões e preferências na navegação (DOURISH, 2016), facilitando a indicações de sites, produtos e ideias inspirados nos nossos interesses, o que dificulta o diálogo com ideias contrárias às nossas preferências. É a esse público que o jornalismo se dirige, muitas vezes isolado em suas próprias concepções.

Ao criticar a velocidade preconizada na sociedade atual pela conformação com as características do ambiente digital, Prazeres (2018) aborda as afetações do jornalismo nessas mídias, indissociáveis das ideias de celeridade, superficialidade e efemeridade. Por isso, defende a prática de um “jornalismo lento” (slow) que preza pelo aprofundamento e contextualização das informações, além de uma perspectiva social e cultural mais ampla, de quebra da expectativa positiva que a velocidade possui na sociedade, devendo o ser humano se adaptar aos contínuos avanços e progresso rápido para conviver na cibercultura. Chama essa perspectiva de “dispositivista”, cuja lógica é uma “adesão ‘natural’ da aceleração nos ambientes (simbólicos e materiais) que adotam dispositivos tecnológicos como recursos”. (PRAZERES, 2018, p. 129).

São três os principais âmbitos em que a autora associa o jornalismo e a cibercultura à prevalência da velocidade: 1) como valor nos repertórios discursivos da mídia; 2) como engrenagem, por o jornalismo utilizar dos meios tecnológicos em sua produção; e 3) como repertório da sociedade, acostumada ao ritmo acelerado, e que espera o mesmo das produções jornalísticas. Neste contexto, é naturalizada a ideia de um jornalismo “majoritariamente ultrarrápido e ultracurto” (PRAZERES, 2018, p. 133).

Em tempos de fragmentação, brevidades e fake news; em um regime marcado pela disputa de atenção do leitor/usuário/interagente a qualquer custo; e em um espaço onde jornalismo e entretenimento competem e muitas vezes se misturam em nome de

um suposto engajamento, o slow seria a busca pelo contexto, pela compreensão, pela credibilidade, pela acurácia e pela compreensão. (PRAZERES, 2018, pp. 130-131).

A intenção deste trabalho não é adentrar na discussão de “slow media” como propõem autores contra a aceleração na modernidade tardia (PRAZERES, 2018; FUCHS, 2019), mas demonstrar que é reconhecido no campo da comunicação a problemática da aceleração, no âmbito da produção e consumo de informações e da própria sociedade na regulação das atividades humanas. Costa (2021, pp. 280-281) associa “o frenesi de imagens e sensações” da sociedade digital com um duplo movimento: o da desconcreção dos suportes tecnológicos, associado à mobilidade, à convergência, à intensificação dos fluxos informacionais, com o caráter mimético dos processos adaptativos dos sujeitos no contexto da cultura digital, quando as formas de convivência tendem a ser normatizadas pelas referências da exposição midiática.

Somos cobrados pelo consumo de informações em fluxo contínuo, como previu Virilio (1996, p.49) ao assumir que “a informação é praticamente a única mercadoria que não vale mais nada ao fim de vinte e quatro horas”. Com a rapidez da digitalização, podemos dizer que mais do que em um dia, informações perdem a validade no momento imediato após a leitura.

Nesse sentido, ao estudar as transformações da noção de tempo com as evoluções tecnológicas, Virilio (1996) avaliava que a velocidade dá o valor da informação – no sentido de o jornalismo travar uma corrida para noticiar os fatos de forma imediata – e tal celeridade contribui para a falha na construção da memória pelos indivíduos que acabam por receber intenso fluxo de informações sem contextualização histórica, em movimento que chama de uma “‘industrialização’ do esquecimento e da falta” (VIRILIO, 1996, p. 125). Isso em razão de a máquina informática transcender o tempo histórico e possibilitar realizar processos com rapidez aquém da capacidade cognitiva.

Lévy (2010), por sua vez, avalia que o tempo cibernético é pontual, pois com as redes o momento imediato se condensa, de forma que prevalece o andamento permanente e o prazo zero. “O devir da [...] informática deixa crer que vai muito depressa, ainda que não queira saber de onde vem e para onde vai. Ele é a velocidade.” (LÉVY, 2010, p.117, grifo do autor). Na mesma linha, Castells (2019, p. 516) afirma que vivemos em um “presente eterno”, sem uma noção de tempo fixa, mas uma “mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho [...], não cíclico, mas

aleatório”, e por isso o chama de tempo intemporal. A cronologia histórica já não é suficiente para explicar a relação atual da sociedade com o tempo.

Atualmente, Rosa (2019) analisa a aceleração social como aspecto fundamental da Modernidade Tardia, nos âmbitos técnico, de mudança social e de ritmo de vida: “A aceleração pode então ser definida como aumento de quantidade por unidade de tempo (ou, com o mesmo sentido lógico, como redução da quantidade de tempo por cada quantidade determinada)” (ROSA, 2019, p. 129). Para exemplificar a expressão, é possível entender que a aceleração seria o aumento de atividades realizadas em determinado intervalo ou, em nossa análise, o aumento de unidades informativas disponíveis para leitura em um menor tempo: cinco minutos, no caso da Folha Corrida.

Além da aceleração proposta pela variedade de assuntos em uma mesma página para leitura rápida, a publicação diária de guias de atividades culturais na Folha Corrida e sua agenda semanal proposta em todo primeiro dia útil parecem reforçar a necessidade de que o leitor esteja sempre em atividade, de forma que tenha uma lista de ações para se basear e aproveitar o tempo livre. Por meio do jornal, não apenas são atualizados os fatos inusitados, como se tem de forma sintética o planejamento das próximas ações que podemos realizar, como aceitar sugestão de restaurantes ou assistir séries recomendadas. As opções estão constantemente abertas para ações futuras. Então, não só realizamos várias atividades simultaneamente, como sugere Türcke (2010), com o exemplo do homem tomando banho de sol, lendo e ouvindo música, mas vivemos o que Rosa (2019) chama de temporalização da complexidade: o de ter a capacidade de realizar o maior número de atividades sequenciadas possíveis.

Tal efeito é percebido na Folha Corrida pelo pouco espaço destinado aos textos, resumos de notícias a serem lidas rapidamente, ou seja, de maneira a usar o tempo com produtividade. Isso também se reflete nas pautas, como a sugerida linha do tempo que mostra como “maratonar” o máximo de séries no período de gratuidade de serviços de streaming durante o final de semana. A velocidade do fluxo de sensações, conjuntamente com a ubiquidade dos meios e os apelos sedutores da indústria cultural, faz com que dispositivos estruturantes dos modelos da sociedade industrial e neoliberal sejam interiorizados, inclusive com as opções de administração do tempo livre. Na sugestão de “como assistir tudo de uma vez” e “se você dedicar 11 horas do seu dia no sofá” (Folha Corrida, 25.01.2020, p. B17, sábado – Figura

1) o jornalismo mostra como estamos medindo o tempo inclusive nos momentos de lazer.

Figura 1: Folha Corrida, 25/01/2020, p. B17 (sábado)

folha corrida

TESTE DE RESISTÊNCIA

Aproveite para maratonar nas férias sem botar a mão no bolso

Ricardo Ampudia e Tatiana Harada

São Paulo. As plataformas de streaming já revolucionaram a forma como consumimos entretenimento, e um mercado cada vez mais aquecido e diverso disputa a atenção — e o bolso — dos espectadores. Para deixar um gostinho de quero mais e conquistar assinantes, algumas plataformas disponibilizam um período gratuito de degustação, se iniciam as cobranças mensais. A HBO Go possui pacotes a partir de R\$ 34,90, a Amazon Prime Vídeo, R\$ 9,90 e a Globoplay, R\$ 21,90. Aproveitando que as férias ainda não terminaram, separamos séries que podem ser assistidas inteiras dentro do período grátis — isso se você dedicar 11 horas do seu dia ao sofá.

HBO Go
7 dias

The Outsider
1 temp. 2h54

Chernobyl
1 temp. 5h24min

True Detective
3 temp. 24h12min

Veep
7 temp. 31h06min

Years and Years
1 temp. 5h57min

Euphoria
1 temp. 7h29min

Amazon Prime Vídeo
30 dias

Mr. Robot
4 temp. 42h26min

Maravilhosa Sra. Maisel
3 temp. 23h18min

Fleabag
2 temp. 5h

American Gods
2 temp. 14h48min

The Man in the High Castle
4 temp. 36h23min

The Office
9 temp. 74h08min

The Terror
2 temp. 15h14min

Transparent
5 temp. 19h39min

Jack Ryan
2 temp. 12h49min

This is Us
4 temp. 46h46min

The Romanoffs
1 temp. 10h39min

Mozart in the Jungle
4 temp. 18h05min

Good Omens
1 temp. 5h26min

Homecoming
1 temp. 5h04min

Globoplay
7 dias

The Good Doctor
3 temp. 32h59min

Pais de Primeira
1 temp. 3h17min

The Handmaid's Tale
2 temp. 23h

Segunda Chamada
1 temp. 7h53min

Killing Eve
2 temp. 11h07min

Como assistir tudo de uma vez

O gráfico mostra o tempo necessário para assistir todas as séries listadas. O eixo Y representa o tempo em horas, variando de 0 a 44. O eixo X representa o tempo por dia em horas, variando de 0h por dia a 11h por dia. O gráfico mostra que com 11 horas por dia, é possível assistir todas as séries em aproximadamente 44 dias.

COZINHA BRUTA

Marcos Nogueira
folha.com/cozinhas

Sopa de morcego e outros horrores culinários

Querias escrever sobre a gastronomia paulistana no dia do 46º aniversário da cidade, mas a internet não deixou. Numa das minhas visitas procrastinatórias ao Twitter, pipocou na tela uma notícia inquietante. A epidemia de coronavírus, responsável pelo cego globo desde o mês, pode ter a ver com uma sopa de morcego popular em Wuhan, na China. Os folgozes tiveram a mania de postar fotos da tal sopa. Veio a notícia: Para que uma coisa dessas, minha gente? No canto do prato fundo tem um morceguinho todo engrunhado, estorricado e com os dentes arreganhados num sorriso de coisa morta. Quem quer comer um nojo desses? Selo Ozzy Osbourne de falta de noção. Sei que chineses apreciam larvas, escorpiões, aranhas, gafanhotos, qualquer criatura que anda ou rasteja. Sei também que já deturpei o direito de comer cachorro, gato, cavalo, zebra, coelhinho folgado. A fronteira entre o fofão, o apetitoso e repugnante é subjetiva: cada cultura a traça de acordo com seus critérios. Blá, blá, blá. Nem venha me esfregar na face esses textos passados. Agora escrevo sob os auspícios de coerência. Sopa de morcego simplesmente não dá. É o mais horroroso dos horrores culinários. Sopa de morcego é pior que as gororobas dos grupos dos Estados Unidos.

Por que feijão doce no café da manhã. Por que frango frito com waffle e xarope de maple. Por que macarroni and cheese de calabresa, salgadinho sabor Chernobyl e refrigerante de cereja. Sopa de morcego é mais repulsiva do que qualquer tranqueira que imbrame cozinha inglesa: é temido e mentado. Gêlica de enguia, torta de rim, Marmite, mingau de aveia sem açúcar, mentado disso e párcio para sopa de morcego. Sopa de morcego é mil vezes mais aviltante do que as toquiernas da MPB — mesa popular brasileira. Sopa de batata frita com queijo rançoso, o creme de cheddar lançoso, o hot-dog com purê de batata (versão paulista) ou passas e ovos de codorniz (versão carioca), ovalis-soba de calabresa, a esfiha de Nutella. Sopa de morcego consome-se esteticamente mais deplorável do que os bastos dos mexecos da gastronomia coxibe (coxinha + quibe), acarabúguer (acarajé + hamburger), pizzarrão (sushi com queijo derretido) e sushião (burrito + sushi). Sopa de morcego ofende mais do que o pão com leite condensado do desjejum presidencial. Insulta mais do que comer macarrão à bolonhesa na Índia. Perto da sopa de morcego, a detestável pizza de frango com catupiri parece obra concebida e executada por monsieur Paul Bocuse. Por falar em pizza de frango, parabéns, São Paulo! Que cada angustiam invente de botar morcego no dogão no temaki.

guia o melhor do dia em SP

É MUITO PIQUE
No dia em que São Paulo faz 466 anos, confira atividades gratuitas que celebram a história da cidade em forma de música, teatro e dança.

Balé da Cidade
Na Praça do Patriarca, o Balé da Cidade de São Paulo apresenta uma coreografia inspirada na obra de Tarsila do Amaral. Início às 19h.

Isle do Sinega
O Respeço tradicional bolo comunitário, escrito na mesma data desde 1986. O evento pede que o público leve um bolo até o ponto de encontro. A comilha é animada por uma rala de samba. R. Rio Barbosa, s/nº, Bela Vista. As 9h.

Emicida
O rapper repete, em Itaquera, o show do Manticão que lhe rendeu o prêmio de melhor apresentação de 2019 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Praça Brasil - Av. Nagib Farah, 262 - Itaquera. As 20h.

Funk da Hora
Para promover o funk, o palco recebe nomes como Negro do Borel e Bia Freitas. Campinhua Palmontina, Paraisópolis. A partir de 19h45.

Ney Mategosa
A esquina mais famosa da cidade recebe um show do cantor, que será acompanhado apenas pelo pianista Leandro Braga. Ao partir em, com as 20h. São José - República. As 20h30.

Passeio a Pé no Centro
Comunidade de turismo, o CCB promove um passeio a pé pelo centro histórico. No trajeto, o público passa por pontos icô-

nários como a praça da Sé, CCB - Av. Almeida Prado, 112, tel. 2032-3625. São. 19h às 21h e 19h às 16h. Livre. É necessário fazer inscrição uma hora antes.

Pago das Artes
O espaço inaugura sua sede com exposição inédita de Regina Shevira. Pago das Artes - R. Albuquerque Lima, 1311, Consolação Ter - São. 10h às 20h. São. 12h às 18h. Adm. 10,5.

Stank
O grupo mineiro revisita sucessos de sua carreira de quase três décadas, como "Vamos Fugir", "Gente do Resto" - Av. São João, 492 - República. As 20h.

Tapume Festival
Fechado para reformas até 2022, o Museu do Ipiranga recebe festival em que 35 artistas pretendem grafitar a fachada do espaço com seres de sonhos nos 29 tapumes. A programação ainda terá palestras, oficinas, discotecagem. Museu do Ipiranga - Av. Nazário, 19 - Jd. Ipiranga. De 10h às 19h. Livre.

Trojan Jamaica
O show é promovido pelo selo fundado por Zak Starkey, baterista do The Who e filho de Ringo Starr, e pela cantora australiana Sash! Lguz. No palco, a dupla ganha a companhia do rapper carioca BNeglio e do vocalista jamaicano U-Roy. Praça da República. As 20h30.

Viradinho em Paraisópolis
Evo infantil da programação da Virada Cultural, o evento reúne atividades culturais e de lazer para crianças e famílias, como brincadeiras tradicionais e oficinas. Campo Arena Palmontina - R. Melchior Gledits, 103 - Paraisópolis, região oeste. De 9h às 14h.

Programação completa em agenda do prefeitura.sp.gov.br

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 25.jan.1970

São Paulo reinaugura estádio do Morumbi com jogo internacional

O estádio do Morumbi será aberto, depois de a construção ter sido concluída, pelo São Paulo neste domingo (25). Sua capacidade máxima permite abrigar cerca de 150 mil torcedores. É o maior estádio particular do mundo. Como ponto central das comemorações, a equipe realizará um amistoso contra o Porto, de Portugal, às 19h45. A partida será disputada aproximadamente nove anos depois de o Morumbi ter sido parcialmente inaugurado. Em outubro de 1966, o time estreou o campo com vitória sobre o português Sporting, por 1 a 0 (gol de Peixinho). O estádio era utilizado mesmo estando inacabado.

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

Fonte: Acervo Folha (<https://acervo.folha.com.br/index.do>)

A Folha Corrida se adaptada, nesse sentido, a uma leitura rápida com textos concisos e destaque às imagens que ilustram curiosidades, algumas vezes sem informar detalhes para além das curtas legendas. Essas estruturas refletem a sensação de aceleração social a que o público está sujeito, na necessidade de se informar em menos tempo. A proposta se adequa à fuga de uma exclusão informacional – o que importa é participar do ritmo veloz de consumo:

Aquele que abre mão, individualmente, de economizar tempo através de recursos técnicos paga o preço de uma dessincronização parcial: não poderá se manter ‘ao passo dos eventos’ e perderá oportunidades de conexão (que podem, mais tarde, tornar-se relevantes) pois, por razões temporais, deverá ser eliminado de alguns contextos interacionais. (ROSA, 2019, p. 314).

Estar à par das notícias vem como obrigação do indivíduo. Potencializado pela flexibilidade das pesquisas e navegação no meio digital, estamos sujeitos às distrações frente aos conteúdos publicitários, informações curiosas, imagens chamativas e que promovam choque perceptivo. É esse público, acostumado a navegar em uma variedade de assuntos, que a Folha Corrida quer alcançar

2.3 Fragmentação

A fragmentação é observada por Santaella (2004a) desde a leitura silenciosa e individual proporcionada pelo livro impresso. Textos envolvem a composição de uma unidade de sentido através de quebras de parágrafos. Porém, é na figura do flâneur que esse aspecto é ainda mais marcante, no que a autora explicita como a era do leitor fragmentado, movente, mais próximo da essência do público leitor nos dias de hoje.

O flâneur, descrito por Benjamin (1989) nos textos de passagens sobre Paris do final do século XIX, é o caminhante errante na metrópole, um sujeito atento a diversos estímulos sensoriais na multidão. Essa figura é apropriada em razão de estar inserido em uma época da multiplicação das imagens e da publicidade no século XX, quando emerge a valoração da aparência e da visibilidade plena. Como aponta Santaella (2004a), neste período surgem os jornais e a leitura está sujeita a excessivos estímulos e linguagens híbridas: “Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias da realidade” (SANTAELLA, 2004a, p. 29). É interessante notar que conforme as transfor-

mações tecnológicas e, conseqüentemente, da figura do receptor, a velocidade da leitura se intensifica e a noção de experiência e temporalidade se transformam.

Essas estruturas posteriormente desencadeiam o leitor imersivo ou virtual, característico da cultura digital, ativo no desencadeamento narrativo uma vez que escolhe nós e nexos de forma interativa no computador. A leitura ocorre embaralhada, sem linearidade, e aos saltos (SANTAELLA, 2004b) de um assunto a outro e de um formato de documento a outro. Esse fluxo decorre do uso de hiperlinks, componente da navegação na Internet, habituando o campo da sensorialidade a uma interação marcada pela fragmentação, descontinuidade e choques de imagens que prendem a atenção pelo componente inusitado. A navegação errante no ambiente digital, inclusive, é atualizada por Lemos (2001) na categoria de ciber-flâneur, ao relacionar a figura que caminha sem rumo à imprevisibilidade possível na internet.

Ao retomar o conceito de mídias mosaiquicas de McLuhan, Santaella (2004b) mostra que a fragmentação está presente desde os jornais tradicionais, como antecipação da linguagem digital, pois nas páginas impressas são reunidos blocos informativos que tratam de assuntos distintos. Esse aspecto é marcante na Folha Corrida quando comparada às demais páginas do jornal Folha de S.Paulo. Assim como rolamos a tela de smartphones e notebooks ao consumir conteúdos de sites de notícias, mas principalmente de mídias sociais como Facebook, Twitter e Instagram, a sensação de acessar blocos de diversidades de informação em uma leitura vertical e que chama a atenção do leitor por via das imagens e títulos nesta página do jornal impresso tenta reproduzir a experiência do consumo mobile – tecnologias que podem ser acessadas mesmo quando em movimento, como os tablets, dispositivos de ebooks e os celulares.

Figura 2: Folha Corrida, 17/01/2020, p. B8 (sexta-feira)

folhacorrida

FOLHA DE S.PAULO ★★★
SEXTA-FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 2020 B8

QUANDO A NOTÍCIA SE REPETE

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 17jan.1970



Chuvas castigam capital paulista e deixam três desaparecidos

As fortes chuvas que castigam a cidade de São Paulo provocaram, além de inundações e deslizamentos, o desaparecimento de três pessoas, sendo duas crianças no bairro do Cambuci (região central) e um adulto em São Miguel Paulista (zona leste). Das 19h de quinta-feira (15) até as 23h desta sexta (16), as precipitações atingiram o índice de 114,2 mm, de acordo com o Instituto Jovem Pan. Na Barra Funda (zona oeste), 500 famílias de uma favela ficaram desabrigadas, situação que se repetiu com centenas em outros pontos da cidade. Na Casa Verde (região norte), a água subiu quase 2 metros, invadindo residências e lojas.

CONHEÇA OS PODCASTS DA FOLHA

Programas são disponíveis em aplicativos como Spotify, Beazr, Google Podcasts, Apple Podcasts e Cariboo; saiba mais em folha.com/podcasts



CAFÉ DA MANHÃ
Em parceria com o Spotify, trata um assunto importante do cotidiano por dia de segunda a sexta, apenas no Spotify e no site da Folha



40 SEMANAS
Acompanha três mulheres grávidas e discute assuntos relacionados à gestação. As semanas, semanalmente, em todas as plataformas



DO LADO DIREITO DO FÊTO
Podcast de cultura do jornal, sobre música, TV, literatura, teatro e moda. As quartas, quinzenalmente, em todas as plataformas



EXPRESSO ILUSTRADA
Podcast de cultura do jornal, sobre música, TV, literatura, teatro e moda. As quartas, semanalmente, em todas as plataformas



ILUSTRÍSSIMA CONVERSA
Entrevistas com autores de livros de não-ficção ou de pesquisas acadêmicas. As sábados, quinzenalmente, em todas as plataformas



FOLHA NA SALA
Produzido especialmente para professores, traz os temas mais relevantes da educação. Episódios de primeira temporada disponíveis em todas as plataformas



TODAS AS LETRAS
Programa debate temas da diversidade afetiva, sexual e de gênero. Episódios de primeira temporada disponíveis em todas as plataformas



BOLA DE CHUMBO
Série aborda momentos em que futebol e política se misturaram. Episódios disponíveis em todas as plataformas



PRESIDENTE DA SEMANA
Conta a história de todos os presidentes da República, de Deodoro à Bolsonaro. Episódios disponíveis em todas as plataformas



BOLETIM FOLHA
Trata-se não de um podcast, mas de resumo em áudio das notícias — de manhã e à tarde. Disponível em smartphones e em alto-falantes por comando de voz



NO SUL DA ÍNDIA
Homem tenta domar um touro durante o festival Jallikattu, perto de Madurai; dezenas de participantes ficaram feridos

SAÚDE RESPONDE | saude@pfolha.com.br

Como as mulheres devem fazer a higiene íntima?

SÃO PAULO As dicas de uma mulher que faz a higiene da vulva com uma escova de dentes e sabonete íntimo têm circulado nos últimos dias nas redes sociais. Como você deve imaginar, essa não é a melhor forma de manter a saúde íntima. Em primeiro lugar, a escova de dentes serve para escovar os dentes. Só para isso. Segundo o guia para higiene genital feminina da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetria (Fobgob), é preciso cuidar com a remoção excessiva da camada lipídica que protege a pele da região, o que pode levar a ressecamento da vulva e prurido. Já o uso de sabonetes íntimos não é errado, mas também não é obrigatório. De novo, só é preciso cuidar para não esgarçar a pele ao acabar ressecando a área. O modo correto de fazer a higiene íntima é usar um sabonete neutro e água morna. Com movimentos circulares, deve-se buscar atingir a

base das coxas, o monte púbico e a área dos túbulos e ossículos vaginais. A ideia é só retirar o excesso de gordura e microrganismos da região. Depois de enxaguar bem e se certificar de que não há mais sabão, deve-se secar a área com toalha de algodão limpa e seca com cuidado, para não ferir a pele. Mas e dentro da vagina, não precisa lavar? Nunca, a não ser que o seu médico indique, por algum motivo específico, segundo o Center for Young Women's Health, ligado ao Boston Children's Hospital, nos Estados Unidos. A vagina é "autolimpante" e tem um pH específico. Por isso, você não vai querer matar as bactérias naturalmente presentes na área. Para manter a saúde íntima em dia, também vale ficar de olho nas roupas íntimas. Tecidos não sintéticos, como o algodão, são recomendados por aumentar a ventilação. E, claro, prestar atenção na lavagem da roupa íntima.

A importância do flúor para os dentes

Julio Abramczyk

México, vencedor das prêmios Esto e José Ric de Dialgógica Científica

A aplicação de flúor para prevenção contra as cáries nos dentes já é bem estabelecida, principalmente em crianças. O último número da Revista do Crops (Conselho Regional de Odontologia de São Paulo) cita a implantação pioneira do bochecho fluoretado nas escolas primárias na década de 1970, feita pelo dentista Emil Aulio Ruzak. A época, Ruzak era diretor do Serviço Dentário Escolar do Estado. Mas escolas, o bochecho fluoretado era realizado semanalmente, resultando em queda de 36,8% das cáries nas crianças que participaram do projeto. Ao longo dos anos, o uso do flúor preventivamente também se revelou uma importante opção odontológica para os serviços odontológicos governamentais de alguns países.

A professora Elizabeth Kay, da Plymouth University, Reino Unido, apresentou no Reunião Anual da Sociedade Britânica de Pesquisa Oral e Maxilar, em 2015, estudo demonstrando que é economicamente viável e essencial prevenir a cárie dentária nas crianças. Ela explica que cerca de 26 milhões de crianças entre cinco e nove anos são internadas por ano em hospitais ingleses para tratamento odontológico. Essas internações e seus custos poderiam ser evitados desde que adotadas as boas rotinas de saúde bucal, disse. Para Kay, os cuidados de saúde oral para as crianças valeriam a pena mesmo que custassem ao governo, por isso, ela fez um livro (cerca de R\$28) por criança para escovar os dentes ou 60 livros (cerca de R\$38) para aplicação de flúor.

guia o melhor do dia em SP

FAÇA CHUVA FAÇA SOL
Confira um roteiro com sorvetes para aproveitar o gelado independentemente do tempo atmosférico.

Albano de Gellati
Orgânico e local são os adjetivos da vez no universo gastronômico. Nesta galeria milanesa, eles complementam a proposta do negócio ao buscar ter, também, um bom relacionamento com os produtores, daí o apelido "gela agrícola". As bolis (R\$ 1 a R\$ 4) podem ser degustadas na casquinha, feita na casa, ou num copinho biodegradável que é, passatem, comestível. Diariamente são servidos 18 sabores. Alguns deles, como chocolate pistache, são fixos, mas também tem os sazonais, caso

do de manga e amora. Al. Tieli, 188, Conquista Coast, região oeste, tel. 3062-2436, 25 lugares. Seg. a sáb. 8h-20h, 10h às 22h. Sáb. e sáb. 10h às 20h.

Cold Stone
A rede americana de sorvete na pedra voltou a dar as caras no Brasil após hiato de cerca de um ano. A estratégia do menu é o Super Premium, que pode ser personalizado pela clientela, que incrementa a receita com ingredientes à escolha. Para apurar os índices, também sugerem combinações prontas, que podem surgir de sabores como morango, menta, chocolate, cheesecake e massa de bolo (R\$ 12 a 18 e 22).

Al. Giovanni Grassi, 5.939, Vila Atlântida, região oeste, tel. 3.348-6946, 17 lugares. Seg. a sáb. 10h às 22h. Dom. 12h às 20h30.

Da PáVinda
Acaba de ganhar o sétimo endereço, no Morumbi. Ali, dá para provar diariamente 24 entre os 160 sabores do portfólio da marca, todos feitos com matéria-prima natural e sem bases prontas. Os sabores vão dos tradicionais — como doce de leite, baunilha e coco, por exemplo — aos diferentes, como pera com queijo, café irlandês e gorgonzola. A novidade para o verão são opções como sorbet de lichia, marangueira, laranja, cupuaçu. Além dos sorvetes, também tem espaço para café e um cardápio com doces de confeitaria.

R. Mal. Maranhão de Moura, 640, bloco 3, Vila Sagrada, região oeste, tel. 5002-2233, 50 lugares. Seg. a dom. 10h às 22h.

Pinguim
Uma simpática casinha azulada abre esta sorveteria, na vizinhança do Beco do Batman. Por ali, nada de corantes, aromatizantes ou bases prontas é tudo natural. Durante a pandemia, a gelateria investiu com sabores, parte inspirada em ingredientes brasileiros (como caíá, canjica e jabuticaba), parte em combinações especiais (como a vanda com baunilha e framboesa com água de rosas). O local também tem receitas geladas inspiradas em drinks — atualmente, oferece uma com sabor de vermute de jabuticaba. Uma bola sai por R\$ 12 e duas, por R\$ 15. R. Medeiros de Albuquerque, 137, Jardim das Bandeiras, tel. 3031-0111. Ho. 10h-22h, seg. a sáb. 12h30 às 19h. Dom. 12h30 às 18h.

Fonte: Acervo Folha (<https://acervo.folha.com.br/index.do>)

No exemplo (Figura 2), os conteúdos apresentam desconexo uma vez que cada unidade representa uma temática diferente. A frase inicial da página “Quando a notícia se repete” deixa implícita uma relação com o Acervo Folha que traz imagem da capa da Folha há 50 anos, referente às

chuvas de São Paulo em 1970, sem apresentar contextualização com acontecimentos recentes. A imagem de destaque refere-se a um festival na Índia e a legenda informa somente a tentativa de domar um touro e que pessoas ficaram feridas. Ao mesmo tempo, são apresentados conteúdos sobre higiene íntima feminina, em Saúde Responde, e traz ainda uma coluna sobre o uso de flúor para os dentes. A página termina com indicações de podcasts da Folha e um guia de atividades culturais em São Paulo. Tudo em textos curtos e diretos.

Na adaptação ao ambiente digital, Ferrari (2004, p.49) destaca que bons textos do jornalismo utilizam “sentenças concisas, simples e declarativas” e acrescenta que o público “[...] é mais receptivo para estilos não convencionais, já que o leitor não tem tanto compromisso ao navegar, ele ‘zapeia’ pelos canais. Ficando pouco tempo mesmo na notícia que lhe interessa”. Em trabalho mais recente, reforça a estrutura fragmentária da rede a que o jornalismo se apropria:

Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, um rizoma geolocalizável de ocupação de espaços, que está em constante movimento, pois vivemos um presente “tagueado”, ou seja, um tempo que pode ser resgatado a qualquer minuto por bancos de dados, mas que não se torna desejado, pois o presente se impõe sobre a memória. (FERRARI, 2018, s/p).

A descontinuidade faz parte do jornalismo desde a hierarquização dos fatos, retirando-os da ordem cronológica para adequá-los à lógica do lead e de destaque aos aspectos inusitados. Para Marcondes Filho (1986, pp. 40-41) a fragmentação é própria da sociedade burguesa de divisão social do trabalho e se relaciona à produção de mentalidades difusas: “Para a mentalidade fragmentada, a fragmentação noticiosa cai como uma luva”. Nesse sentido, critica a fragmentação por contribuir com a desinformação nas notícias, já que a apreensão da totalidade do fato é prejudicada e se evidencia a personalização de conteúdos (MARCONDES FILHO, 1986). Ambos os aspectos são observados nas edições da Folha Corrida, sendo o último marcante aos domingos com as “frases da semana”, declarações curtas de pessoas públicas com mínima contextualização.

Rosa (2019), por sua vez, atribui a fragmentação ao efeito aceleratório da Modernidade Tardia, percebida na dessincronização vivida entre gerações, o que chama de clivagem intergeracional: “jovens e idosos vivem cada vez

mais em submundos isolados entre si [...] por jogarem diferentes jogos e frequentarem diferentes lugares, assistirem a diferentes programas de televisão” (ROSA, 2019, p. 224). A mesma lógica é proposta por Connor (1993, p.144) ao conceitualizar a pós-modernidade, marcada por “uma cultura de múltiplos estilos, que são combinados, contrapostos, permutados e regenerados numa furiosa polifonia de vozes descontextualizadas”. Assim, há uma ampla diversidade de temas a serem abordados pelos produtos da indústria cultural no contexto da digitalização, tal como a Folha Corrida, para alcançar público variado com a multiplicidade de projetos editoriais e linguagem.

Ao abordar a teoria da aceleração social de Rosa (2019), Prior e Turuel (2021, p. 46) avaliam o jornalismo, associando o aumento da velocidade de produção e quantidade de informações disponíveis aos leitores com a fragmentação dos fatos, ocorre uma “ausência de conexão com os fatos envoltos na tempestade noticiosa por parte do receptor”. Isso contribui para a desatenção do público, que acessa conteúdos descontextualizados que prejudica entender a totalidade dos fatos. Nesse sentido, consideram que “[...] o campo do jornalismo se expande historicamente, conforme a aceleração técnica avança e esbarra nos movimentos sociais e no ritmo da vida dos indivíduos, o que insere o fenômeno em um ciclo retroalimentar e aceleratório” (PRIOR e TURUEL, 2021, p.50). Assim, a aceleração do tempo e a fragmentação de sentidos no jornalismo são categorias que se envolvem de forma dialética, cíclica.

3 RESULTADOS

A identidade visual da Folha Corrida supõe o uso de uma frase curta no topo da página, que remeta a algum tema importante da seção no dia e ainda se comunique com o leitor, muitas vezes usando expressões famosas, como “União faz a força” (01/01/2020, quarta-feira) e “Já pensou em ter um amigo virtual?” (09/01/2020, quinta-feira). Nas diferentes edições, a frase nem sempre faz referência ao conteúdo principal – alocado mais acima na página ou de extensão de texto e imagem maiores –, ou a acontecimentos recentes que perpassam o jornal impresso.

Com a retomada da etapa inicial de levantamento de dados e com o aprofundamento das discussões teóricas sobre cultura digital, estrutura fragmentada das produções midiáticas impressas e o contexto da aceleração do mundo industrial e das rupturas vertiginosas de circulação e obso-

lescência de mercadorias simbólicas, passamos a confrontar o resultados da pesquisa com o propósito editorial da Folha, a partir das etapas metodológicas para quantificar a presença e área editorial destinada: a) ao uso de textos e b) recursos imagéticos, respectivamente:

(a) Considerando as matérias que possuem título e estrutura de artigo, notícia ou nota, incluindo agendas e guias, as edições da seção Corrida selecionadas são compostas por uma média de 3 textos. Nos demais cadernos internos da Folha de S. Paulo, é comum encontrar uma única notícia ou reportagem ocupando a página inteira. Contudo, para o projeto da Folha Corrida, que é compor resumo dos principais assuntos cobertos na edição, a estratégia é utilizar imagem e textos curtos, criando uma espécie de miscelânea, sem aparente conexão entre os assuntos. O que evidencia ainda mais o aspecto de fragmentação em sua composição.

Nota-se que em comparação com a capa da Folha de S. Paulo, onde a concisão de conteúdos e ênfase em títulos curtos são explícitos, a quantidade de textos da Folha Corrida é menor, mas tal seção não possui a mesma atribuição de fazer chamada a conteúdos internos do jornal que completamente o assunto. As notícias e legendas de fotografias desta seção estão apresentadas em sua máxima densidade e síntese, além de ser marcadamente fragmentária em seus conteúdos, diferente da primeira página que remete aos cadernos internos.

Por isso, apesar da proposta editorial sugerir que a cobertura da Folha Corrida se refira a conteúdos que perpassam o jornal, foi observado que poucas vezes as curtas notícias da seção possuem essa relação. O único momento em que se constatou tal concordância foi na edição de 09 de janeiro de 2020, frente às 14 edições impressas observadas. Ao final da notícia atribuída à agência AFP “‘Humanos virtuais’ são apresentados em feira tecnológica” encontra-se a orientação para mais informações localizadas no caderno Mercado, seguida da informação da página. Essa relação também não foi observada em nenhuma edição das observadas durante o projeto de pesquisa nos anos de 2018 e 2019.

(b) O destaque dado às imagens é expressivo, considerando que há tendência ao uso de pelo menos uma fotografia no centro da página. A linguagem visual das imagens proporciona absorção mais imediata do que a leitura de um texto, além de ser considerada universal. Em média, 25% da área editorial da Folha Corrida destina-se às imagens centrais na página. Com a valorização visual, a seção acumula funções de atratividade informativa e

estética para o público.

Ao se observar o uso total de imagens e ilustrações, incluindo quando necessário as legendas e os brancos muito próximos de fotografias, 33% da área da página passa a ser destinada a recursos imagéticos. Em comparação com os resultados obtidos na pesquisa de iniciação científica, a área de imagens decaiu, sendo que esse valor era praticamente a porcentagem da área ocupada somente pela imagem de destaque centralizada em cada edição da Folha Corrida, e não de todas as imagens juntas. Porém, é importante considerar a influência do aumento da veiculação de guias e manchetes históricas da Folha de S.Paulo, em “Acervo Folha”, na composição da página.

Em outra pesquisa, Oliveira e Costa (2020) abordam o imperativo da visualidade no jornalismo digital, através da análise de simulações produzidas por algoritmos para criação de visualização de dados. O recurso a imagens, analisado anteriormente no contexto do Estadão Infográficos, age desde a prospecção de pautas, influenciado por novas possibilidades de mediação tecnológica, como o uso de inteligência artificial, e reflete na forma de percepção, que se torna agilizada com a universalidade da linguagem visual.

No período selecionado, não foi constatado uso de gráficos na Folha Corrida, o que sugere algumas hipóteses: as pautas que surgiram não exigiam densidade em dados; ou houve predileção de veicular conteúdos sobre curiosidades, desconectadas do hard news, e que exigem menos esse formato. É interessante pontuar essas concepções, uma vez que o formato visual dos gráficos e tabelas é essencialmente sintético, o que poderia condizer com a proposta da seção Corrida, que não os utiliza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em comparação com os resultados obtidos na graduação, percebe-se que a proposta contida na publicidade da Folha para esta seção não foi atualizada, e por isso permanece a contradição de que a seção Corrida apresentaria resumos de notícias que perpassam os cadernos do jornal impresso, sendo que na prática há uma estrutura definida, influenciada por grandes acontecimentos como as eleições ou a pandemia de Covid-19, mas que veicula em sua maioria outros conteúdos, com destaque a aspectos inusitados dos acontecimentos.

Por outro lado, os textos curtos e a supervalorização de imagens corroboram com a intenção de proporcionar leitura rápida e dinâmica, ao facilitar a absorção dos conteúdos na rotina diária do leitor. O título “Corrida”

faz, assim, alusão não só à velocidade de leitura da seção, mas à característica aceleração da sociedade em rede que afeta a forma como lidamos com o tempo nos diferentes âmbitos da vida. A busca pela produtividade e o acúmulo de atividades não estão delegados somente ao ambiente de trabalho marcado pela lógica capitalista, como também nos momentos de lazer, como podemos observar na Folha Corrida por seu caráter de produto cultural.

É possível aproximar a estratégia da composição da seção Corrida com formatos já consolidados no ambiente digital, principalmente em redes sociais, como o Instagram que dá ênfase ao compartilhamento de fotos e vídeos, com limitação e menor destaque ao texto nas legendas; ou o Twitter, cujas publicações aparecem em blocos, com restrição ainda maior para o espaço do texto e amplo espaço dedicado à imagem, quando utilizada. As interfaces com as mídias digitais, demarcadas pela atualização e passagem ininterrupta de um ambiente a outro, no movimento de navegação, faz com que haja um processo de adaptação do receptor aos padrões imagéticos, descontínuos e que não requerem tempo extenso para leitura e reflexão. A atualização constante de tais páginas na internet favorece, portanto, a aparição contínua de conteúdos diversos diante do olhar do receptor, algo que a fragmentação e experimentação na Folha Corrida parecem tentar se assemelhar.

Por fim, procuramos demonstrar como a seção busca se aproximar de características próprias da linguagem do ambiente digital, com um design que se aproxima de uma estética encontrada em redes sociais e dispositivos mobile a que o público está acostumado, promovendo a fragmentação dos conteúdos que imita a experiência da hipertextualidade na rede ao ter na aceleração o seu aspecto fundador: a partir dela surge toda a proposta da página para se adequar ao ritmo de vida dos leitores e transmitir a sensação de ganho de tempo, uma vez que a leitura rápida e variada seria supostamente suficiente para informar o que é mais necessário e urgente ao receptor.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo, Trad. de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. p. 111-135. In: CANAVILHAS, J.

(Org.). **Webjornalismo**. Covilhã: UBI, LabCom, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

CORRIDA. **Publicidade de Folha**. s/a. em: <<http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/corrida/>>. Acesso em 14/04/2020.

COSTA, Belarmino C. G. da. Cultura Digital: Memória, Violência Estética e Regressão. In: FRANCO, R.; VEDDA, M.; ZUIN, A. A. S. (Orgs.), **Estado de Exceção na Argentina e no Brasil – Uma Perspectiva a Partir da Teoria Crítica**. São Paulo: Editora Nankin, 2021.

COSTA, Belarmino C. G. da. Barbárie Estética e Produção Jornalística: A atualidade do conceito de Indústria Cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 76, outubro de 2001.

DOURISH, Paul. Algorithms and their others: Algorithmic culture in context. **Big Data & Society**, [s/l], vol.3, n.2, p. 1- 11, 2016. DOI: doi.org/10.1177/2053951716665128.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018 (Ebook).

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Folha Corrida vai publicar seção diária com dicas do que fazer em SP. **Folha de S.Paulo**. Maio de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/folha-corrida-vai-publicar-secao-diaria-com-dicas-do-que-fazer-em-sp.shtml>>. Acesso em: 14/04/2020.

FUCHS, Christian. A inovação será desacelerada. Entrevistado por Michelle Prazeres. **Revista Communicare**, vol. 19, 2. ed., 2019.

GABRIEL, Martha. Apresentação. s/p. In: FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018 (Ebook).

GRUPO FOLHA. **Tabela de Preços: Publicidade Impressa**. 2020. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/publicidade/2020/01/01/tabela_grupo_folha_jan2020_v1.pdf?_ga=2.92965405.1269432260.1586869305-757794120.1489413615&_mather=92f5ff-39173d4aeb>. Acesso em: 14/04/2020.

LEMOS, André. Ciber-flânerie. In: SILVA, D. F. da.; FRAGOSO, S. (Orgs.). **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p.45-60.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

OLIVEIRA, Daniela Borges de; COSTA, Belarmino Cesar G. da. Pauta Guiada por Algoritmo: Conteúdo e Forma no Estadão Infográficos. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, DF, vol. 16, n. 3, dezembro 2020. DOI: [10.25200/BJR.v16n3.2020.1284](https://doi.org/10.25200/BJR.v16n3.2020.1284)

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

PRAZERES, Michelle. Jornalismo lento – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 2,

n. 4, jul./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31657>.

PRIOR, H.; TERUEL, C. Contribuições da teoria da aceleração social do tempo para os estudos em jornalismo. **Novos Olhares**, [s/l], v. 10, n. 1, p. 42-51, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2021.174442.

RODRIGUES, L. P. R.; BALDI, V.; e GALA, A. de C. O. S. JORNALISMO MÓVEL: a emergência de um novo campo jornalístico. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, vol. 17, n.2, agosto de 2021. DOI: 10.25200/BJR.v17n2.2021.1368.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. Trad. de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SANTAELLA, Lucia. Prefácio: Do clímax ao anticlímax das redes sociais. s/p. In: FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018 (Ebook).

SANTAELLA, Lucia. A cultura digital na berlinda. p. 93-101. In: LOPES, M. I. V. de; KUNSH, M. M. K. (Orgs.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004a.

SANTAELLA, Lucia. Antecedentes da alinearidade hipermidiática nas mídias mosaíquicas. p.26-35. In: BRASIL, A. et al. (Orgs). **Cultura em fluxo**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004b.

TÚRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: Filosofia da sensação**. Trad. de Antonio A. S. Zuin et. al.. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. Trad. de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Daniela Borges de Oliveira

Mestranda e bolsista da CAPES na Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Foi voluntária na iniciação científica “Folha Corrida: Narrativa jornalística e cultura digital” (ago.2018 a jul.2019) e bolsista PIBIC/CNPq da iniciação científica “Folha de S. Paulo: Cobertura jornalística, violência estética e sociedade midiática” (ago.2019 a jul.2020).

E-mail: dani7b.o@gmail.com

Belarmino Cesar Guimarães da Costa

Orientador, Doutor em Educação (Unicamp). Docente na graduação em comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Áreas de pesquisa: mídia, linguagem e educação; indústria cultural e ambiente digital; comunicação, tecnologia e estética. Membro do GP “Teoria Crítica e Educação” (UFScar).

E-mail: belarmino.costa@unimep.br